

**MINISTÉRIO DA DEFESA  
EXÉRCITO BRASILEIRO  
ESCOLA DE INTELIGÊNCIA MILITAR DO EXÉRCITO**



**CURSO AVANÇADO DE INTELIGÊNCIA PARA OFICIAIS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)**



**O EMPREGO DA OSINT NO CONFLITO HÍBRIDO NA UCRÂNIA, NO  
CONTEXTO DA DISPUTA GEOPOLÍTICA ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE**

**Brasília  
2023**

Maj **CARLOS HUMBERTO FEITOSA MUNIZ**

**O EMPREGO DA OSINT NO CONFLITO HÍBRIDO NA UCRÂNIA, NO CONTEXTO  
DA DISPUTA GEOPOLÍTICA ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Escola de Inteligência  
Militar do Exército, como requisito  
para a obtenção do Grau de Pós-  
graduação *Lato Sensu* de  
**Especialização em Inteligência.**

Orientador: Maj **LEONARDO MARQUES PIUBELLI**

**Brasília**

**2023**

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
BIBLIOTECA CEL FORRER GARCIA

M966e Muniz, Carlos Humberto Feitosa

O emprego da OSINT no conflito híbrido na Ucrânia, no contexto da disputa geopolítica entre o Ocidente e o Oriente / Carlos Humberto Feitosa Muniz – 2023.

37 f.

Orientador: Leonardo Marques Piubelli

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Análise de Inteligência) - Escola de Inteligência Militar do Exército (EsIMEx), Brasília – DF, 2023.

1. OSINT 2. Inteligência de fontes abertas 3. Conflito na Ucrânia  
4. Disputa geopolítica 5. Ocidente x Oriente I. Título.

Maj **CARLOS HUMBERTO FEITOSA MUNIZ**

**O EMPREGO DA OSINT NO CONFLITO HÍBRIDO NA UCRÂNIA, NO  
CONTEXTO DA DISPUTA GEOPOLÍTICA ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Escola de Inteligência  
Militar do Exército, como requisito  
para a obtenção do Grau de Pós-  
graduação *Lato Sensu* de  
**Especialização em Inteligência.**

Aprovado em 22 de junho de 2023.

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO:

---

LEONARDO MARQUES PIUBELLI – Maj - Presidente  
Escola de Inteligência Militar do Exército

---

CARLOS EDUARDO SOUSA DUARTE - Maj - Membro  
Escola de Inteligência Militar do Exército

## RESUMO

O emprego da inteligência de fontes abertas, também chamada de *Open Source Intelligence* (OSINT), tem evoluído ao longo do tempo, aumentando, em grande medida, a sua importância para o acompanhamento dos conflitos. O conflito híbrido entre Rússia e Ucrânia, iniciado em 2022, é a maior crise em solo europeu desde a Segunda Guerra Mundial. Em que pese não ser algo novo, observa-se que, no atual conflito no leste europeu, a OSINT tem sido amplamente empregada, impactando a maneira como Estados, entidades públicas e privadas e a população em geral entendem o conflito. Ademais, o amplo emprego da OSINT nesse conflito tem afetado o sistema internacional, fruto do apoio político, econômico e militar de importantes atores globais aos contendores. Tal fato tem fomentado a competição geopolítica entre as grandes potências, notadamente entre a aliança Estados Unidos-União Europeia contra o eixo Rússia-China, denominados neste trabalho, respectivamente como Ocidente e Oriente. Dessa forma, este trabalho buscou analisar como a OSINT tem sido empregada no conflito híbrido russo-ucraniano, destacando os reflexos desse emprego para a disputa geopolítica entre o Ocidente e o Oriente.

Palavras-chave: OSINT. Inteligência de fontes abertas. Conflito na Ucrânia. Disputa geopolítica. Ocidente x Oriente.

## **ABSTRACT**

The employment of Open Source Intelligence(OSINT) has evolved over time, greatly increasing its importance for conflict monitoring. The hybrid conflict between Russia and Ukraine, which began in 2022, is the biggest crisis on European soil since World War II. Although not new, OSINT has been widely used in the current conflict in Eastern Europe, impacting the way that states, public and private entities, and the general population understand the conflict. Moreover, the extensive use of OSINT in this conflict has impacted the international system, as a result of the political, economic and military support of important global actors to the contenders. This fact has fostered geopolitical competition among the great powers, notably between the United States-European Union alliance and the Russia-China axis, respectively referred to in this study as the West and the East. Thus, this paper sought to analyze how OSINT has been employed in the Russian-Ukrainian hybrid conflict, highlighting the reflections of this employment for the geopolitical dispute between the West and the East.

Keywords: OSINT. Open source intelligence. Conflict in Ukraine. Geopolitical dispute. West x East.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>A EVOLUÇÃO DO EMPREGO DA OSINT.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>O CONFLITO HÍBRIDO NA UCRÂNIA E A DISPUTA GEOPOLÍTICA ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE .....</b>	<b>13</b>
3.1	O CONFLITO HÍBRIDO NA UCRÂNIA .....	13
3.1.1	Antecedentes .....	13
3.1.2	O conflito híbrido na Ucrânia até o momento .....	16
3.2	A DISPUTA GEOPOLÍTICA ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE .....	19
<b>4</b>	<b>O EMPREGO DA OSINT NO CONFLITO NA UCRÂNIA E SEUS REFLEXOS PARA A DISPUTA GEOPOLÍTICA ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE .....</b>	<b>23</b>
4.1	O EMPREGO DA OSINT NO CONFLITO NA UCRÂNIA.....	23
4.2	OS REFLEXOS DO CONFLITO NA UCRÂNIA PARA A DISPUTA GEOPOLÍTICA ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE .....	28
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>32</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Inteligência de Fontes Abertas (*Open Source Intelligence* - OSINT) é a fonte básica de Inteligência, por meio da qual as informações são coletadas de fontes de caráter público, tais como os meios de comunicação (rádio, televisão e jornais), propaganda de estado, periódicos técnicos, internet, manuais técnicos e livros (BRASIL, 2015b).

A legislação sobre o acesso à informação produzida por órgãos públicos, ao redor do mundo, possibilita a obtenção de dados e informações sensíveis de Estados, organizações e instituições, o que é facilitado pela internet (BRASIL, 2015b).

Cepik (2003) afirma que a OSINT é definida como a análise baseada na obtenção legal de documentos oficiais sem restrição de segurança, da observação direta e não clandestina dos aspectos políticos, militares e econômicos da vida interna de outros países ou alvos, do monitoramento da mídia, da aquisição legal de livros e revistas especializadas de caráter técnico científico, cujo acesso é permitido sem restrições especiais de segurança.

Na era da informação, a OSINT é, a cada dia, alimentada por um número intangível de dados relativos aos mais diversos temas existentes (CARIBÉ, 2017). Nesse sentido, Carr (2023) assevera que a OSINT tem transformado a maneira como as pessoas recebem notícias.

Segundo Carvalho (2012), essa quase irrestrita circulação de dados reduziu a necessidade de procedimentos especializados para a obtenção de informações que respondam as necessidades de inteligência.

Dentre as vantagens da utilização da OSINT, destaca-se o alto grau de oportunidade, com muitas informações à disposição e o baixo custo para obtê-las. Seu uso se torna mais atraente, possibilitando a ampliação das possibilidades dos serviços de inteligência (PASSOS, 2016).

O'Brien (2023) destaca que a OSINT já foi usada na guerra e na diplomacia muito antes da internet. Mas sua prevalência hoje significa que o que antes era caro para muitos agora é acessível para uma miríade de atores.

Nesse contexto, Carr (2023) observou que, no período que antecedeu o atual conflito na Ucrânia, produtos de OSINT, como imagens de satélite comercial e vídeos veiculados em mídias sociais, permitiram que jornalistas e pesquisadores

corroborassem as alegações ocidentais de que a Rússia estava preparando uma invasão.

Por outro lado, Lefkowitz (2023) afirma que mesmo sendo fonte vital de informações em primeira mão do campo de batalha e das regiões ocupadas, aplicativos de mensagens, como o russo Telegram, tornaram-se também veículo de disseminação de propaganda e desinformação.

Passos (2016) alerta que a quantidade exagerada de dados, a qualidade duvidosa das informações e a falta de confiança nas fontes podem desabilitar os benefícios do uso das fontes abertas.

Desse modo, Carr (2023) alerta que as fontes abertas, sem dúvida, têm suas limitações. Os dados podem conter viés, disseminando uma espécie de “realidades fragmentadas”, com o objetivo de mostrar o que os beligerantes querem que o mundo veja.

Nesse contexto, o atual conflito no Leste europeu passou a ser muito mais do que uma disputa territorial entre dois países. Segundo Henrique (2023):

As tensões entre Rússia e Ucrânia cresceram devido à aproximação do governo ucraniano com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)<sup>1</sup>. A eventual adesão ucraniana à OTAN significaria mais uma perda de influência russa em território da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), além de configurar uma ameaça ocidental à integridade territorial da RÚSSIA.

Para Monteiro (2022), a Ucrânia, desde a sua independência da antiga URSS, em 1991, tem sido alvo de disputas de poder entre o Oriente e o Ocidente, notadamente entre a Rússia e União Europeia (UE).

Desta forma, este trabalho buscou analisar de que maneira a OSINT tem sido empregada no conflito na Ucrânia e quais os reflexos para a disputa geopolítica entre o Ocidente e o Oriente.

---

<sup>1</sup> Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), também conhecida como NATO (North Atlantic Treaty Organization), aliança militar ocidental, criada em 1949, com o objetivo de garantir a defesa coletiva dos países-membros (atualmente 31) em resposta a invasões ou ataques sofridos.

## 2 A EVOLUÇÃO DO EMPREGO DA OSINT

De acordo com Reinbold e Cardoso (2021) a obtenção de conhecimento por meio de fontes abertas não é recente. Um dos primeiros órgãos a utilizar a OSINT foi o *Foreign Broadcast Information Service* (FBIS), dos Estados Unidos da América (EUA), que, durante a Segunda Guerra Mundial (II GM), coletava informações em noticiários internacionais, gravando, traduzindo, transcrevendo e analisando programas de rádio das potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

Com o acirramento da Guerra Fria, o FBIS passou a monitorar massivamente as publicações e periódicos da antiga URSS, para coletar informações de interesse dos EUA (REINBOLD e CARDOSO, 2021).

Segundo Passos (2016), a aceleração da globalização e a evolução das tecnologias de informação e comunicações, aumentaram em grande medida a disponibilização de dados, elevando consideravelmente a relevância da OSINT para a inteligência norte-americana durante todo o período da Guerra Fria.

Entretanto, para Reinbold e Cardoso (2021), após a queda do muro de Berlim, em 1989, a diminuição do acirramento político entre os EUA e a antiga URSS provocou a redução da importância da OSINT, visto que, teoricamente, não existia mais uma ameaça ou um inimigo real aos norte-americanos.

Para Passos (2016), os atentados terroristas ao *World Trade Center* e ao Pentágono, em 2001, demonstraram a relevância das fontes abertas, visto que, após o ocorrido, viu-se que muitas informações que poderiam ter ajudado a prever ou até evitar os atentados estavam disponíveis publicamente.

Segundo Reinbold e Cardoso (2021):

Com o intuito de modernizar a inteligência norte-americana e melhorar sua imagem perante a opinião pública, em novembro de 2005, o FBIS foi transformado no Centro de Fontes Abertas (*Open Source Center – OSC*), subordinado à Agência Central de Inteligência (CIA, sigla em inglês), com a incumbência de funcionar como um centro especializado em inteligência de fontes abertas, voltado exclusivamente para a coleta, reunião e produção de conhecimento.

Conforme previsto em NATO (2001), a OTAN utiliza amplamente a *Open Source Intelligence*, e, desde 2001, adota os conceitos *Open Source Data* (OSD) e *Open Source Information* (OSI). Ambos se referem ao dado antes de sua análise, logo que capturado. O OSD é utilizado para designar dados, como fotografias e

imagens de satélite comerciais, e o OSI se refere às informações provenientes de meios de comunicação social, relatórios, livros e demais publicações do gênero.

Para a Aliança Ocidental, OSINT é “a informação que foi deliberadamente descoberta, discriminada, destilada e disseminada para um público seletivo, de modo a responder a uma questão específica (NATO, 2001). Em outras palavras, OSINT é a informação adequadamente tratada e analisada, inserida no ciclo da produção do conhecimento, para responder necessidades de inteligência previamente definidas.

Na mesma direção, *United States of America* (2017) definiu a OSINT como a inteligência produzida a partir de informações publicamente disponíveis e coletadas, exploradas e disseminadas em tempo hábil para um público apropriado com o objetivo de atender a um requisito de inteligência específico.

Nesse contexto, Passos (2016) afirma que:

As informações coletadas de nada servem se não forem corretamente filtradas, analisadas e validadas. Assim, tornam-se de suma importância os processos utilizados e os analistas envolvidos no processamento dos dados. A OSINT só será benéfica para o processo se houver a correta implementação, investimentos em estrutura e tecnologia e agentes qualificados, devidamente treinados para descobrir fontes adequadas de informações, definirem quais dados são relevantes para suprir a demanda requerida e analisá-los. Afinal, hoje o grande problema não é falta de dados, mas sim a correta análise deles.

Carvalho (2012) afirma que a conjuntura internacional foi profundamente modificada após a queda do muro de Berlim e, mais recentemente, os atentados de 11 de Setembro de 2001. A nova realidade é marcada pela explosão informacional, especialmente a digital. Neste contexto, as fontes abertas assumem papel relevante na atividade de Inteligência, haja vista o exponencial crescimento da disponibilidade de dados “desprotegidos”, bem como a velocidade com que estes podem ser transmitidos, atualmente.

Para Passos (2016), com a ampla disposição de dados, gerada pela “democratização da informação” e pelo avanço tecnológico e sua popularização, a OSINT despontou entre as fontes utilizadas para obtenção de dados.

Apesar do uso de fontes abertas para o acompanhamento dos conflitos já existir há décadas, Carr (2022), aborda a sua evolução em termos de rapidez e meios de transmissão. Em 1982, o jornalista Robert Fox, da rádio BBC, de Londres, testemunhou 36 horas do conflito decisivo entre Grã-Bretanha e Argentina, nas Ilhas Malvinas. Até a transmissão, a reportagem do Sr Fox estava defasada em mais de 24 horas da ocorrência dos fatos.

Carr (2022) assevera que, quando a cidade de Kherson, no sul da Ucrânia, foi recuperada pelos ucranianos, em novembro de 2022, levou apenas algumas horas, senão minutos, para que as notícias se espalhassem. Imagens no Telegram mostraram soldados ucranianos caminhando pelo centro da cidade e bandeiras ucranianas hasteadas sobre edifícios.

Analistas amadores no *Twitter* rastrearam o avanço ucraniano, quase em tempo real, “georreferenciando” as imagens, ao comparar árvores, edifícios e outras obras de arte com imagens de satélite no *Google Maps* e serviços similares (CARR, 2022).

Segundo Kemp (2022), a democratização da informação e da tecnologia começou a oferecer alternativas ao tradicional monopólio que os Estados possuíam sobre as funções de inteligência. O fácil acesso aos dados, alimentado por um apetite cultural para compartilhar, inadvertidamente ou propositalmente, possibilitou a ampla exploração de informações. Nesse contexto, ele afirma que a OSINT continuou a evoluir com meios privados, não mais lendo relatórios roubados, mas criando sua própria inteligência na qual os jornalistas, o público e até mesmo os governos confiam.

Kemp (2022) assinala, ainda, que um exemplo da evolução dos meios privados foi a descoberta, pelo Grupo *Bellingcat*, do envolvimento da Rússia na queda do vôo MH 17, da *Malaysian Airlines*, sobre a Ucrânia, em 2014. Apesar das negativas do Kremlin, o grupo investigativo conseguiu demonstrar evidências da autoria russa, usando um punhado de fotografias, imagens de satélite e geometria elementar.

Esses grupos demonstram que a OSINT pública está desenvolvendo grande expertise na coleta e análise de dados, aproximando-se da inteligência realizada por agências de Estado. Assim, pode-se afirmar que o conflito na Ucrânia coincidiu com o aumento da experiência e da credibilidade dessas organizações (KEMP, 2022).

Por outro lado, como observou Carvalho (2002), é importante ressaltar que a OSINT deve ser conjugada/integrada com outras fontes, não devendo substituir o trabalho especializado dos Analistas/Operadores. O maior desafio é capacitar tais atores no trato das fontes abertas, visando à otimização dos processos, à economia de tempo e de recursos, ao aumento da credibilidade da avaliação das fontes disponíveis e, principalmente, das capacidades de produção dos especialistas.

### **3 O CONFLITO HÍBRIDO NA UCRÂNIA E A DISPUTA GEOPOLÍTICA ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE**

#### **3.1 O CONFLITO HÍBRIDO NA UCRÂNIA**

Para compreender o atual conflito russo-ucraniano, serão abordados os antecedentes e o desenrolar da guerra no leste europeu até o momento.

##### **3.1.1 Antecedentes**

As raízes do conflito entre Rússia e Ucrânia são profundas. No cerne da questão está o fato de o Kremlin não aceitar a independência ucraniana, enquanto tenta bloquear sua aproximação com o Ocidente (GONCHARENKO, 2022).

Segundo Goncharenko (2022), a origem da crise entre Rússia e Ucrânia tem início na Idade Média. Ambas possuem raízes comuns na época do antigo Estado da Rússia de Kiev, motivo pelo qual o presidente russo, Vladimir Putin, refere-se aos dois países como "um só povo".

Entretanto as duas nações estão divididas há décadas, o que resultou no surgimento de dois idiomas e duas culturas proximamente relacionadas, mas bastante distintas (GONCHARENKO, 2022).

No século XVII, a maior parte do território ucraniano se juntou ao Império Russo. Após a desintegração desse império, em 1917, a Ucrânia voltou a se ligar à Rússia, em 1922, com o surgimento da URSS (GONCHARENKO, 2022).

De acordo com Goncharenko (2022), apesar da derrocada da URSS, em 1991, a Rússia pretendia manter sua influência na região por meio da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Mas não foi o que aconteceu. Enquanto Rússia e Belarus forjaram sua aliança, a Ucrânia passou a se aproximar do Ocidente.

Em 1997, Rússia e Ucrânia assinaram o Tratado de Amizade, Cooperação e Parceria, no qual Moscou reconhecia as fronteiras oficiais da Ucrânia, incluindo a Península da Crimeia, região que abriga maioria étnica russa.

Ainda conforme Goncharenko (2022), a primeira grande crise diplomática entre os dois países ocorreu em 2003, já com Putin no poder. A Rússia tentou construir uma barragem próxima à Península da Criméia. A Ucrânia considerou isso uma tentativa russa de redesenhar suas fronteiras. Após intensa negociação, a construção foi suspensa, mas ficou evidente a fragilidade de tratado de amizade.

De acordo com Silva *et al.* (2016), as tensões se agravaram em 2004. Ficou evidenciado nas eleições presidenciais uma grande fraude em favor de Viktor

Yanukovich, candidato pró-Rússia, face o candidato pró-Occidente, Viktor Yushchenko. Após intensos protestos, conhecidos como a Revolução Laranja, um novo pleito foi realizado e Yushchenko venceu seu opositor.

Segundo Barata (2014), a instabilidade política na Ucrânia pós-Revolução Laranja até 2010 gerou divisões na sociedade ucraniana, o que proporcionou a vitória eleitoral de Viktor Yanukovich, em 2010. A partir de então, as relações com a Rússia constituíram um pilar fundamental na política externa ucraniana.

No fim de 2013, houve uma onda de protestos no país, devido à decisão do Presidente Yanukovich de não assinar um acordo com a União Europeia. Em fevereiro de 2014, o Presidente ucraniano fugiu para a Rússia (CASTRO, 2018).

Segundo Goncharenko (2022), a Rússia se aproveitou do vácuo de poder e anexou, em março de 2014, a Península da Crimeia, sede da frota russa no Mar Negro, que havia sido cedida à Ucrânia na era soviética. Esse foi um ponto de inflexão nas relações entre os dois países e o início de uma guerra não declarada.

Motivados pelos acontecimentos na Crimeia, os protestos pró-russos se intensificaram no Sul e Leste da Ucrânia, nas áreas com grande representação de minorias russas. Estas ocuparam edifícios governamentais nas cidades de Donetsk, Luhansk e Kharkiv e realizaram referendos de independência (KÖVER, 2015)

Com a escalada de violência, o Governo ucraniano decidiu empregar suas Forças Armadas para intervir no Leste e Sul do país, em operações que denominou de antiterroristas (KÖVER, 2015).

A Rússia, por sua vez, declarou o direito de ingerência no território ucraniano em defesa dos seus interesses na região, em especial, a proteção dos interesses das minorias russas na Ucrânia (ABRUNHOSA, 2017).

Goncharenko, (2022) relata que o que se seguiu, desde 2014, foi uma guerra de exaustão na região do Donbass, no leste ucraniano, onde separatistas pró-Rússia, apoiados por tropas russas, passaram a combater as forças ucranianas até a eclosão do conflito atual, iniciado em 24 de fevereiro de 2022.

Barini (2022) afirma que, nos últimos anos, o estreitamento dos laços ucranianos com a OTAN e a busca de Kiev por uma vaga na Aliança gerou fortes críticas do Presidente Putin, o qual apontou que não aceitaria tal adesão.

Barini (2022) destaca, ainda, que, em novembro de 2021, Putin concentrou mais de 100 mil soldados na fronteira da Ucrânia, soando alarmes em Kiev e no Occidente de que uma invasão estaria prestes a ocorrer.

Figura 1 - Desdobramento de tropas russas em JAN 21



Fonte: G1 (Saul, 2022).

Segundo Walker (2023), em dezembro de 2021, a Rússia apresentou uma lista de exigências a fim de arrefecer as tensões no leste europeu, incluindo a garantia jurídica de que a Ucrânia nunca se tornaria membro da OTAN e que a Aliança desistiria de qualquer atividade militar na Europa Oriental e na Ucrânia.

Conforme relata Walker (2023), no fim de janeiro de 2022, os EUA e a OTAN responderam por escrito, descartando a adoção das exigências russas. Ademais, os EUA colocaram cerca de 10.000 soldados em prontidão para desdobramento na Europa, enquanto a OTAN reforçou suas fronteiras orientais com navios e caças.

Barini (2022) descreve que várias reuniões entre Putin e líderes ocidentais como o norte-americano Joe Biden, o francês Emmanuel Macron e o alemão Olaf Scholz foram realizadas para evitar a invasão russa na Ucrânia. Entretanto, o diálogo foi interrompido em 21 de fevereiro de 2022, quando o Kremlin reconheceu a independência das auto proclamadas repúblicas separatistas de Donetsk e Luhansk, no leste ucraniano, comandadas por líderes pró-Moscou.

Em 24 de fevereiro de 2022, Putin autorizou o início de uma “operação militar especial”, com a justificativa de proteger a população das regiões separatistas, “desmilitarizar” e “desnazificar” a Ucrânia (CARDOSO, 2023).

### 3.1.2 O Conflito híbrido na Ucrânia até o momento

A partir de 24 de fevereiro de 2022, conforme relata Bigg (2023), as forças russas atacaram a capital ucraniana, Kiev, a segunda maior cidade do país, Kharkiv, e várias outras cidades no Norte, Leste e Sul, em uma tentativa de derrubar o Governo do Presidente Volodymyr Zelensky.

Muitos especialistas esperavam que Kiev caísse rapidamente, devido ao desequilíbrio de poder de combate entre os beligerantes. Entretanto, as forças ucranianas surpreenderam o mundo, apresentando forte resistência desde o início do conflito.

Nesse contexto, o conflito tem sido enquadrado no conceito de guerra híbrida. Segundo Hoffman (2009), um conflito híbrido é caracterizado pelo emprego simultâneo de guerra convencional, não-convencional, regular e irregular, linear e não linear, métodos secretos e abertos travados por autores estatais e não estatais.

**Figura 2 - Representação gráfica do Conceito de Guerra Híbrida**



Fonte: Relatório da Conferência de Segurança de Munique (2015).

Tidy (2022) afirma que a Ucrânia tem enfrentado constantes ataques cibernéticos contra seu governo e redes de infraestrutura, mas o MD do país tem conseguido repelir a maioria dos ataques.

Segundo a *NATO Defence College* (2023) a abordagem da Rússia no conflito inclui táticas híbridas, como operações cibernéticas, econômicas, informativas e secretas, além da guerra convencional.

Nesse sentido, a *NATO Defence College* (2023) exemplifica os seguintes eventos, desencadeados pela Rússia, como híbridos: interrupções de fornecimento de energia russa aos países do flanco leste da OTAN; a sabotagem do gasoduto *Nord Stream1*; o bloqueio de grãos ucranianos através do Mar Negro; a captura das usinas nucleares; as ameaças de emprego de artefatos táticos nucleares; o emprego de mercenários como o Grupo Wagner e a guerra informacional sobre a necessidade da execução de sua “Operação Militar Especial”.

Pelo lado ucraniano, pode-se citar: as sanções econômicas e diplomáticas à Rússia; o emprego de táticas de guerrilha, como os ataques à base militar russa na Crimeia; o “Exército de TI da Ucrânia”<sup>2</sup>, que realiza ataques cibernéticos contra alvos russos; o emprego de voluntários estrangeiros e as forças convencionais no campo de batalha.

Analisando a evolução do conflito, Bigg (2023) relata que, atacando pelo eixo sul, as forças russas conquistaram a região de Kherson. Seu objetivo, nesse eixo, é realizar a ligação terrestre entre a Crimeia e as províncias de Donetsk e Luhansk, no Leste, conhecidas como Donbass, onde grupos separatistas e forças russas já ocupavam parcialmente o território.

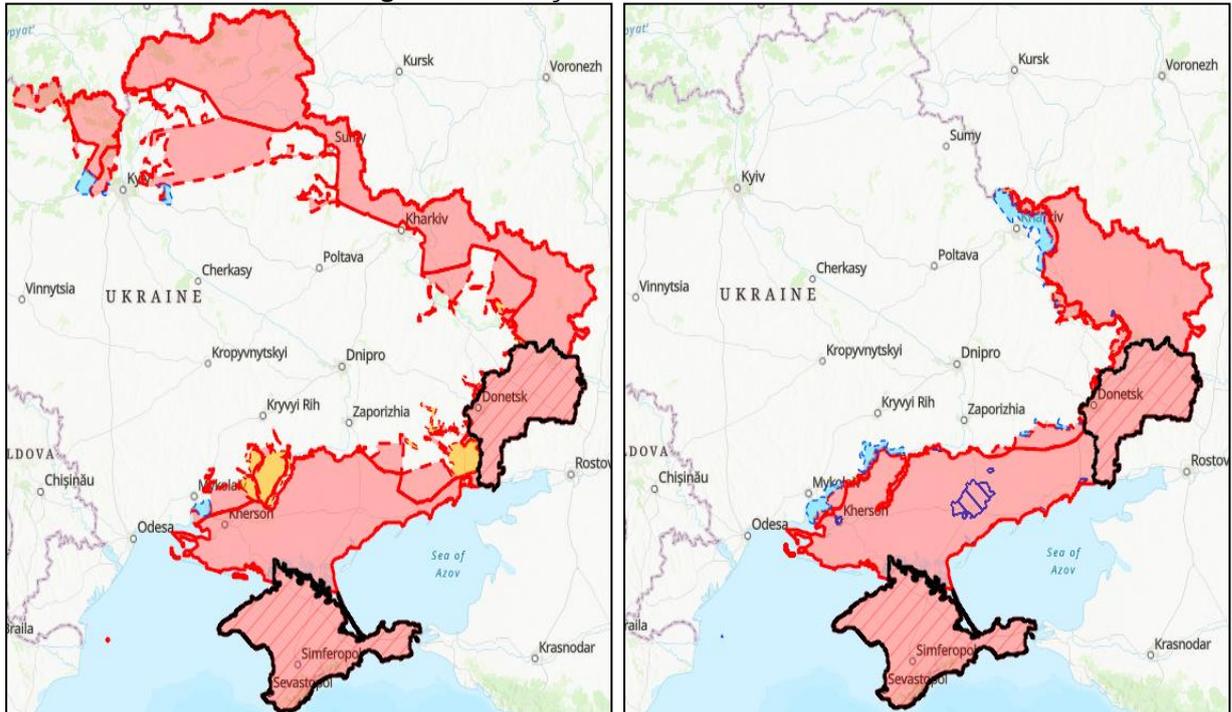
Segundo Walker (2023), o Ministério da Defesa (MD) britânico afirmou que o avanço russo em Kiev foi adiado por “firme resistência ucraniana, avaria mecânica e congestionamento”. No final de março de 2022, a Rússia retirou suas tropas do eixo em direção à capital ucraniana, alegando que se concentraria na captura da região leste de Donbass.

Conforme descreve Mirovalev (2022), em junho de 2022, a Rússia controlava um quinto da Ucrânia, incluindo a cidade portuária de Mariupol, no sul, após meses de intensos combates. No nordeste da Ucrânia, depois de ter conquistado totalmente a província de Luhansk, houve uma redução do poder de combate russo, devido ao reposicionamento de tropas e de caças russos para Donetsk e para o eixo sul, onde uma ofensiva ucraniana em Kherson representava uma ameaça.

---

<sup>2</sup> Exército de TI da Ucrânia é, segundo as autoridades cibernéticas ucranianas, um grupo de hackers voluntários, que tem apoiado o país tanto nos ataques quanto na defesa cibernética. Estima-se que o grupo tenha cerca de 300.000 membros.

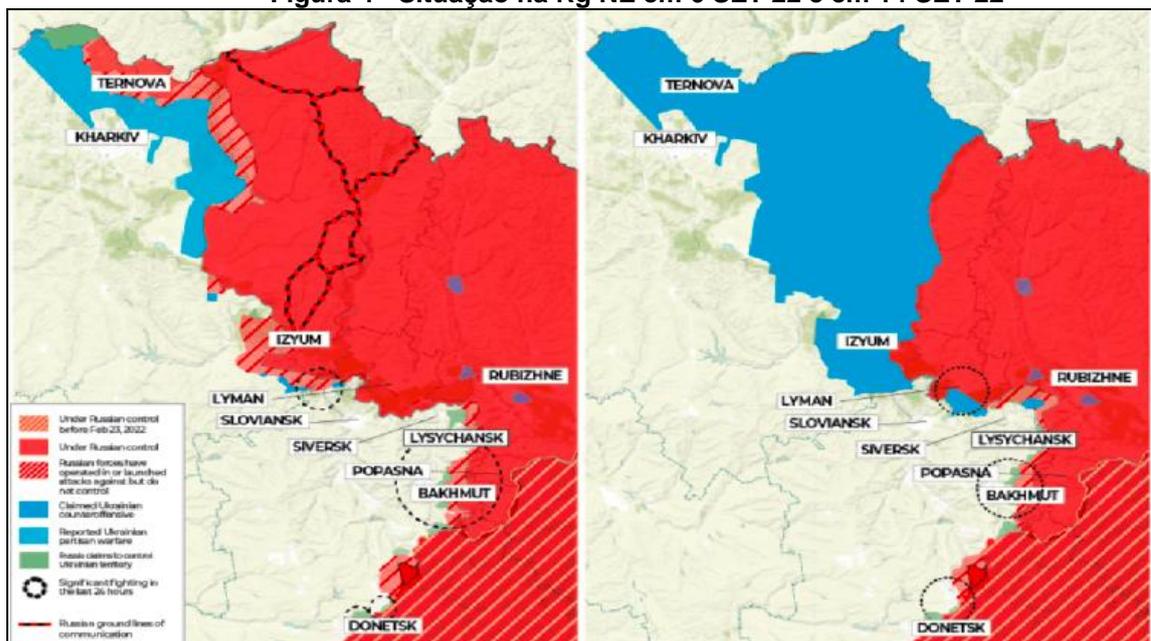
Figura 3 - Situação em 25 MAR 22 e em 30 JUN 22



Fonte: Institute for the Study of War (2022).

Em setembro de 2022, as forças ucranianas, aproveitando-se da fraca presença russa no nordeste, realizaram uma rápida contra ofensiva, que surpreendeu os russos e resultou na retomada de maior parte da província de Kharkiv e da cidade de Izyum (MIROVALEV, 2022).

Figura 4 - Situação na Rg NE em 6 SET 22 e em 14 SET 22



Fonte: Institute for the Study of War (ALJAZEERA, 2022a).

Walker (2023) relata que, em resposta, Putin anunciou a anexação de quatro províncias parcialmente ocupadas do leste e sul da Ucrânia (Donetsk, Luhansk, Kherson e Zaporizhia). Tal medida ocorreu após a realização de referendos, cujos resultados foram altamente favoráveis à adesão russa, sendo, em contrapartida, fortemente rejeitados por Kiev e seus aliados ocidentais.

Apesar disso, semanas depois, tropas russas se retiraram de Kherson, a principal cidade capturada pelos russos desde o início do conflito, por conta de uma nova contra ofensiva ucraniana e dificuldades logísticas (MIROVALEV, 2022).

Conforme relata Mirovalev (2022), desde então, o conflito se encontra em fase de estagnação. Os combates se concentraram principalmente em Donbass, onde as forças russas há meses atacam a cidade de Bakhmut, em Donetsk, com grande custo, enquanto as tropas ucranianas avançam em direção à cidade de Kreminna, visando reconquistar os nós logísticos, na província de Luhansk.

No tocante aos refugiados, segundo a UNHCR (2023), mais de 8 milhões de ucranianos deixaram o país desde o início do conflito, constituindo-se uma das maiores crises humanitárias do mundo.

Ademais, o MD britânico e o Pentágono informaram que a Rússia já possui cerca de 200.000 mortos ou feridos. Sobre a Ucrânia, a inteligência norueguesa estima que mais de 100.000 militares estão fora de combate (HOCKADAY, 2023).

Os intensos combates, associados aos dados de refugiados e baixas, transformam o atual conflito russo-ucraniano na maior crise na Europa desde a Segunda Guerra Mundial.

### 3.2 A DISPUTA GEOPOLÍTICA ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE

Nesse estudo, considera-se Ocidente os EUA, a Europa, e outras nações que foram colonizadas pelos europeus, como Canadá e Austrália. Já o Oriente engloba os países da Ásia, do Oriente Médio e a maior parte da Eurásia.

Após a II GM, segundo Enriconi (2017), o mundo virou palco de disputa entre duas superpotências: URSS e EUA. Assim, os demais países eram pressionados a escolher um dos lados para se aliar e obter proteção. Na época, ambos os pólos de poder buscavam aumentar sua influência, por meio da economia e do poder bélico.



Na mesma direção, a China vem em uma ascensão meteórica, desde 1978, a ponto de hoje ser a segunda economia do mundo. Nesse sentido, Padula (2021) destaca que o avanço tecnológico chinês, seu crescimento econômico e, mormente, a rápida ascensão do seu poder militar, inevitavelmente, desafiam os interesses ocidentais, sobretudo dos EUA, visto que ameaçam sua liderança.

Assim, a China tem se preocupado com a política externa dos EUA na região da Ásia-Pacífico. O fortalecimento da aliança dos EUA com o Japão e com Taiwan são percebidos como nocivos ao interesse nacional chinês (PADULA, 2021).

Para agravar a disputa geopolítica no século XXI, Padula (2021) relata que a China e a Rússia também vêm consolidando uma parceria estratégica, em áreas como energia, financiamentos (sem uso do dólar) e militar. Ademais, Bumbieris (2010) destaca que tais países convergem em suas posições contra a política externa dos EUA, desde a década de 1990.

Os dois países também promovem articulações conjuntas multilaterais que buscam uma ordem mais multipolar, contrapondo-se à OTAN e às iniciativas dos EUA e da UE (PADULA, 2021).

Nesse sentido, Bumbieris (2010) destaca a criação da Organização da Cooperação de Xangai (OCX), organização política, econômica e militar, fundada em 2001. Atualmente, a OCX é constituída por China, Rússia, Índia, Paquistão e países da Ásia Central, tendo, ainda, o Irã como membro observador.

Segundo Padula (2021), inicialmente o foco da OCX era a cooperação em segurança contra o terrorismo, separatismo e extremismo. Entretanto, ela passou a desenvolver um claro antagonismo à OTAN, a desenvolver manobras militares (incluindo guerra cibernética e informacional), cooperação econômica e cultural e uma série de grandes projetos de transportes, energia e telecomunicações.

Assim, uma articulação política robusta envolvendo China e Rússia (e quem sabe no futuro o Irã) formando uma coalizão anti-OTAN, anti-EUA e anti-Occidente vem se desenvolvendo no grande jogo geopolítico da Eurásia (PADULA, 2021).

Do exposto, é possível afirmar que a ascensão da China e da Rússia, que, indubitavelmente, contestam a hegemonia estadunidense, associada à busca dos EUA pela manutenção do *status quo*, recrudescer a disputa por influência em várias partes do mundo, caracterizando desafios de zona cinzenta.

Desta forma, assemelhando-se da conjuntura dos tempos de Guerra Fria, observa-se o crescente apoio do Ocidente e do Oriente a lados opostos em crises

regionais e conflitos armados. Isso ocorre, atualmente, no conflito na Síria, na crise entre Kosovo e Sérvia e nas crescentes tensões na península coreana. Mais recentemente, observa-se essa disputa no conflito russo-ucraniano.

## 4 O EMPREGO DA OSINT NO CONFLITO NA UCRÂNIA E SEUS REFLEXOS PARA A DISPUTA GEOPOLÍTICA ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE

### 4.10 EMPREGO DA OSINT NO CONFLITO NA UCRÂNIA

A OSINT tem sido empregada em larga escala no atual conflito russo-ucraniano. Segundo Lefkowitz (2023a), o conflito no Leste europeu destacou a importância da OSINT, não só para o acompanhamento tático do conflito, mas também para governos e entidades privadas entenderem os desafios que se avizinham, em decorrência da crise na Ucrânia.

Cabe destacar o papel norte-americano no alerta sobre a invasão russa na Ucrânia. De acordo com Weiner (2023), após 20 anos focada no contraterrorismo, a inteligência dos EUA passou a se concentrar em seus rivais geopolíticos, Rússia e China, coletando e analisando informações estratégicas sobre suas ações.

Nesse sentido, Weiner (2023) afirma que o Governo Biden desclassificou e divulgou informações de inteligência sobre as intenções expansionistas russas na Ucrânia, apesar das negativas de Vladimir Putin. Essa conduta dos EUA permitiu à opinião pública ter uma visão previdente sobre o conflito, quebrando a surpresa e a campanha de desinformação do Governo russo.

Além disso, Carr (2023) afirma que, no período que antecedeu a guerra, imagens de satélite comercial e vídeos de comboios russos no *TikTok*, um site de mídia social, permitiram que jornalistas e pesquisadores corroborassem as afirmações norte-americanas sobre a iminente invasão da Rússia na Ucrânia.

Por meio da OSINT foi possível, inclusive, prever o início do conflito. Jeffrey Lewis, do *Middlebury Institute*, na Califórnia, usou os relatórios de tráfego rodoviário do *Google Maps* para identificar o congestionamento no lado russo da fronteira, às 03:15h do dia 24 de fevereiro de 2022. Lewis postou no Twitter que a invasão estava prestes a acontecer. Menos de três horas depois, Vladimir Putin lançou sua ofensiva em território ucraniano.

Kemp (2022) afirma que o conflito tem sido importante também por destacar a OSINT produzidas por grupos privados, como o *Bellingcat* e o *OSINT technical*. Um dos exemplos da eficiência desses grupos foi o ataque aéreo russo a um shopping, na cidade ucraniana de Kremenchuck, em junho de 2022, que matou cerca de vinte

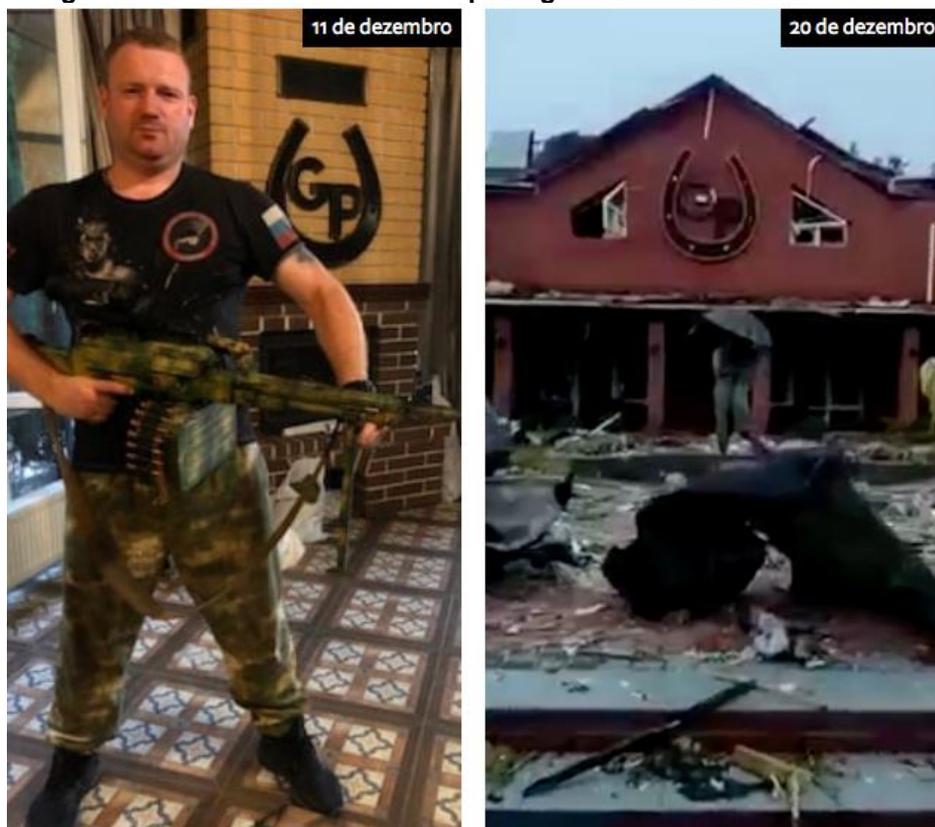
peessoas. A Rússia alegou que o dano foi causado por outro ataque aéreo, que teve como alvo um depósito de munição, próximo ao shopping.

Entretanto, usando imagens de câmeras de circuito de TV, ferramentas de geolocalização, imagens de satélite, vídeos do YouTube, mídia social local e imagens de vídeo feitas por sobreviventes, o Grupo *Bellingcat* produziu um relatório detalhado que efetivamente desacreditou a versão dos eventos da Rússia. (KEMP, 2022).

Conforme relata Karalis (2022), o acompanhamento das mídias sociais, os *uploads* contínuos de imagens de *smartphones* e a maior disponibilidade de tecnologia de imagem de satélites ampliou em grande medida a riqueza das análises de OSINT.

Nesse contexto, Carr (2023) exemplifica que, em dezembro de 2022, um voluntário russo postou fotos de forças acampadas em um clube de campo em Kherson no *vk*, mídia social russa. Sua postagem incluía uma geo-tag da localização exata. Mais tarde, mísseis ucranianos atingiram o acampamento. Após o ataque, o voluntário postou um vídeo mostrando a extensão da destruição, dando à Ucrânia e aos analistas de OSINT uma avaliação dos danos causados.

**Figura 6- Voluntário russo e suas postagens em mídia social russa**



Fonte: Carr (2023).

Segundo Carr (2023), para acompanhamento do conflito, os analistas de OSINT vasculham canais do Telegram para colher imagens de batalha, testemunhos da linha de frente e o clima entre as tropas.

Ao longo dos confrontos, esses canais ofereceram relatos relativamente precisos e oportunos de movimentos dos beligerantes, como, por exemplo, a contra-ofensiva da Ucrânia, em Kharkiv, em setembro de 2022, aumentando sua confiança e credibilidade (CARR 2023).

Por outro lado, destaca-se que as mídias sociais podem ter interesses velados. O *Rybar*, que já trabalhou para o MD russo, possui mais de 1 milhão de seguidores, sendo um dos canais do Telegram mais usados para acompanhamento do conflito. Destarte, a divulgação dos dados e dos relatos por esses canais pode apresentar parcialidade (CARR 2023).

Outra forma que a OSINT tem sido empregada é a divulgação de análises de inteligência de órgãos de Estado. Pode-se exemplificar a Inteligência de Defesa britânica, que tem publicado, diariamente, em seu *twitter*, a evolução dos confrontos, expondo dados e conclusões prospectivas.

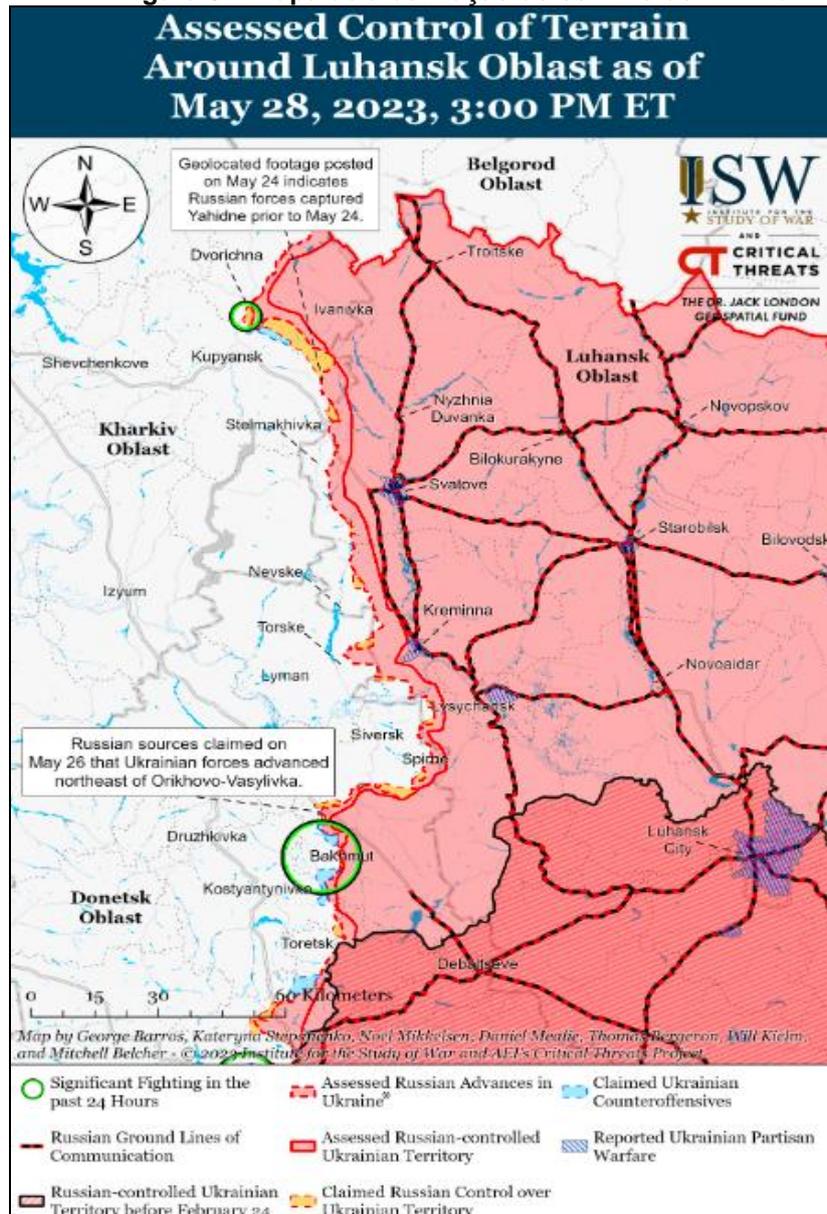
**Figura 7 – Publicação da Inteligência de Defesa britânica sobre o conflito**



Fonte: Twitter (2023).

Destaca-se, ainda, a relevância de *think tanks*<sup>4</sup> especializados em OSINT para o entendimento do conflito. Um dos mais utilizados, na atualidade, é o *Institute for the Study of War* (ISW), uma organização de pesquisa de políticas públicas dos EUA que realiza análises de OSINT para fornecer informações e tendências sobre conflitos e ameaças à segurança (ISW, 2023).

Figura 8 – Mapa de atualização do conflito do *thinktank* ISW



Fonte: ISW (2023a).

<sup>4</sup> Think tanks são instituições voltadas para criar e disseminar de estudos sobre os mais variados temas de interesse público, como política, economia segurança e defesa. Essas organizações cumprem papel de elo de conhecimento entre a academia e a sociedade, a academia e o Governo e, ainda, o Governo e a sociedade (FIA, 2021).

Nesse sentido, a riqueza das análises do ISW sobre o conflito russo-ucraniano fez com que várias mídias de grande alcance mundial, como a *Aljazeera*, *Reuters* e BBC, publicassem suas atualizações sobre o conflito baseado nos relatórios desse *think tank*.

Kalaris (2022) ressalta também que o amplo uso de *smartphones* por parte da população ucraniana transformou os civis que permaneceram na área do conflito em sensores de inteligência.

Esses sensores conseguem relatar movimentos russos para as forças ucranianas, constituindo-se em uma rede de informações extensa e resiliente, difícil de ser neutralizada pelas forças russas.

Por outro lado, Kalaris (2022) alerta que a transformação de cidadãos civis em sensores de inteligência aumenta os riscos de a população se tornar alvo. Ademais, ela alerta que a grande quantidade de dados sobre o conflito pode levar à má interpretação dos movimentos realizados, prejudicando o correto entendimento do ocorrido.

Nesse sentido, pode-se afirmar que as fontes abertas também podem conter viés, de forma proposital ou acidental. As imagens que se vê do conflito não são necessariamente representativas de como ela está sendo travado (CARR 2023).

Como exemplo, Carr (2023) cita que há mais vídeos de carros de combate (CC) atingidos por mísseis anticarro (AC) do que os atingidos por minas, em virtude de o atirador do míssil AC conseguir prever o momento da destruição do blindado. No entanto, segundo ele, grande parte das perdas dos CC ucranianos são por conta de minas, o que possibilita uma análise errada do conflito.

Por conta disso, Kalaris (2022) afirma que a análise de OSINT deve ser feita por militares qualificados e, se possível, complementadas por dados de inteligência de fontes humanas (HUMINT), a fim de fornecer análises sólidas e confiáveis.

O General (Gen) Jim Hockenhull, Chefe da inteligência de Defesa britânica até 2022, comparou a OSINT a montar um quebra-cabeça sem todas as peças. Para ele, a OSINT não possui todas as peças, mas obtém um número quase infinito de peças desse quebra-cabeça. O resultado disso é não conseguir visualizar o todo, criando realidades fragmentadas (CARR, 2023).

Para Carr (2023), outro problema da OSINT é mostrar o que os beligerantes querem que as pessoas vejam. No início do conflito, a Ucrânia divulgava vídeos de ataques que demonstravam a eficiência dos seus drones *Bayraktar TB 2*.

Como parte de uma estratégia de operações de informação, os ucranianos apagaram dados de data, hora e local desses vídeos, dando a impressão de que os ataques ainda estavam ocorrendo alguns meses depois, o que não retratava a realidade dos fatos (CARR, 2023).

Apesar dessas limitações, as agências de inteligência ocidentais têm demonstrado crescente interesse na OSINT. O Gen Hockenhull afirma que as fontes abertas contribuem com cerca de 20% dos dados da agência britânica, atualmente (CARR, 2023).

O General assevera que a disponibilidade e a observância do princípio da oportunidade significam que a métrica tem que ser invertida, obtendo a maior parte dos dados por meio da OSINT e complementando com os obtidos mediante HUMINT (CARR, 2023).

#### 4.2 OS REFLEXOS DO EMPREGO DA OSINT NO CONFLITO NA UCRÂNIA PARA A DISPUTA GEOPOLÍTICA ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE

O emprego da OSINT sobre o conflito na Ucrânia tem gerado reflexos diretos para a disputa entre o Ocidente e o Oriente. A disputa ocorre entre os aliados da OTAN, que apoiam a Ucrânia, e a Rússia, apoiada pelo Irã. Destaca-se que a China anunciou uma “amizade sem limites” com a Rússia semanas antes do conflito (FRIEDMAN, 2022).

Segundo Friedman (2022), do ponto de vista geopolítico, a guerra é potencialmente um divisor de águas, que cria condições favoráveis para um novo funcionamento do sistema global.

Nesse contexto, Kausikan (2023) afirma que a OSINT tem sido utilizada pelos principais atores geopolíticos envolvidos (EUA, Rússia e China) para a obtenção de vantagens estratégicas na guerra de informações em curso no conflito. Isso tem por objetivo aumentar a área de influência desses atores, em nível global.

**Figura 9 – Representação da rivalidade e das alianças geopolíticas no conflito**



Fonte: Karaa (2022).

No tocante ao acesso a dados, as sociedades fechadas, como a Rússia e o Irã, têm vantagem sobre as abertas. O controle da informação em regimes fechados dificulta a coleta de dados fidedignos sobre esses governos ou indivíduos, em fontes abertas (O'BRIEN, 2022).

Por outro lado, O'Brien (2022) pontua que as sociedades fechadas podem coletar as informações de uma pessoa ou de Governos abertos com maior facilidade. No caso do conflito, isso permite a construção de narrativas russas direcionadas à sua população em favor do Kremlin.

De acordo com Kausikan (2023), as análises das fontes abertas sobre o conflito fizeram da Ucrânia um representante da crescente rivalidade EUA-China, na conjuntura da atual fase de competição e conflito entre grandes potências.

Kausikan (2023) analisa, ainda, que a Rússia é a primeira prioridade apenas para a UE. Para os EUA, o maior desafio é a China. O Secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, declarou que o país pretende usar a Ucrânia para enfraquecer a Rússia, visando impedir que o Kremlin tenha condições de invadir outro país no futuro.

Entretanto, o que não foi dito pela autoridade de defesa estadunidense é que o maior intuito do forte apoio dos EUA à Ucrânia é dar uma lição prática para a China (KAUSIKAN 2023).

Por sua vez, a China tem buscado passar a imagem de intermediadora para a paz na Ucrânia, abordando o fomento ao conflito por parte dos EUA e sua incapacidade de diálogo com os contendores.

Segundo Rane (2023), no aniversário de um ano do conflito:

A China divulgou um plano de paz com 12 pontos. Dentre estes, destaca-se o pedido de cessar-fogo, a retomada das negociações de paz, o respeito pela soberania sem expansão de blocos de defesa e sem uso ou ameaça de armas nucleares, e o fim das sanções “unilaterais” do Ocidente.

Por conta desse plano, analistas ocidentais de OSINT publicaram suas avaliações sob o ponto de vista da UE e a OTAN. Nestas avaliações, consideraram fraca a capacidade de mediação de Pequim, alegando que tais pontos são genéricos, não contribuindo na prática para a solução do conflito (RANE, 2023).

Cabe destacar, ainda, que a China não tem outro parceiro em nenhum lugar do mundo com o peso estratégico da Rússia, que compartilha da mesma desconfiança em relação ao Ocidente (KAUSIKAN, 2023).

Para Kemp (2022), as potências ocidentais têm usado a OSINT no atual conflito como uma ferramenta de disseminação da narrativa da guerra entre a democracia e o autoritarismo, aumentando a rejeição da opinião pública por regimes autoritários.

Por sua vez, a Rússia tem empregado as fontes abertas como meio para impor a narrativa de que o Ocidente quer destruir o país. O Kremlin explora que os aliados ucranianos não querem a paz, pois fornecem grande quantidade de armamento e não querem dialogar com a Rússia. Assim, o Governo russo alega estar travando uma guerra por procuração<sup>5</sup> com o Ocidente (ALJAZEERA, 2022a).

Nesse viés, O'Brien (2022) afirma que os EUA e seus aliados estão travando uma guerra por procuração aberta contra a Rússia, em comparação com a encoberta, nos tempos de Guerra Fria. Esse apoio militar ostensivo dos EUA, disseminado por fontes abertas, eleva as tensões com os países do Oriente.

Para Weber (2022), as fontes abertas têm disseminado, ainda, a ameaça de uso de artefatos nucleares russos. Essa ação foi evidenciada pelo reposicionamento de navios com armas nucleares russas para o Mar Báltico, após quase 30 anos. Tal movimento foi confirmado por imagens de satélites.

Apesar disso, alguns analistas de OSINT classificaram a estratégia de dissuasão nuclear russa como narrativa. Outros estudiosos não descartaram o

---

<sup>5</sup> Guerra por procuração: uma guerra travada entre grupos ou países menores em que um uma grande potência tenta aumentar seu poder ou influência sem tomar parte na ação, fornecendo armas ou financiamento a um dos participantes (CAMBRIDGE Dictionary).

emprego russo desse tipo de artefato. O resultado disso é a escalada da crise entre Rússia e Ocidente bem como a disseminação do medo na população.

Na visão de Kausikan (2023), a competição geopolítica do século XXI fornece aos diversos Estados soberanos mais espaço para manobrar do que nos tempos de disputa entre EUA e União Soviética, durante a Guerra Fria.

Apesar da pressão por maior alinhamento com um dos lados do tabuleiro geopolítico, fomentado pela guerra de narrativas entre o Ocidente e o Oriente, a maioria dos países do Sul Global<sup>6</sup> parece ter adotado, até o momento, o pragmatismo em suas relações internacionais (KAUSIKAN, 2023).

Nesse contexto, Kausikan (2023) afirma que:

Os países do Sul global têm tentado alinhar seus interesses em diferentes domínios na direção mais vantajosa, a fim de maximizar sua autonomia, dentro dos limites conjunturais. Assim, suas escolhas não ficarão restritas a apenas um dos lados dessa disputa entre grandes potências, levando-os a buscar coalizões e parcerias com diversos atores.

O Sul global pode não ter um grande papel no campo de batalha na Ucrânia. Mas, à medida que a guerra avança, se a narrativa ocidental não resultar em maior apoio político e diplomático do Sul global à Ucrânia, será mais difícil para os países da OTAN manter a Rússia isolada (KAUSIKAN, 2023).

---

<sup>6</sup> Sul global: consiste nos países em desenvolvimento, que estão principalmente no hemisfério sul, como a África, incluindo também toda a América Latina e parcela da Ásia (CAMBRIDGE Dictionary).

## 5 CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo, ficou evidente que o emprego da OSINT no conflito híbrido russo-ucraniano tem desempenhado papel crucial na coleta e análise de informações relacionadas ao conflito.

Pode-se afirmar que a inteligência de fontes abertas aumentou a transparência no campo de batalha, difundindo, em âmbito global e em grande velocidade, a evolução do conflito. Essa difusão possibilita o acompanhamento do conflito por uma parcela considerável da população mundial.

Outro aspecto relevante é o uso da OSINT como ferramenta de análise do poder militar dos beligerantes. Por meio da análise de imagens, vídeos e dados coletados em fontes abertas, é possível inferir sobre o desempenho dos meios militares empregados, o nível de treinamento das tropas e as estratégias empregadas. Essa avaliação tem auxiliado no planejamento e nas tomadas de decisão das partes envolvidas no conflito.

Por outro lado, essa globalização da OSINT pode levar, involuntariamente, à redução da eficácia militar, restringindo as linhas de ação para tomada de decisões. Isso ocorre em virtude do inimigo e seus apoiadores terem acesso a análises de fontes abertas que descreve as ações e estratégias de combate que podem ser adotadas (KEMP, 2022).

Outra conclusão válida é a grande relevância do uso do *smartphone* como ferramenta de transmissão dados de combate. Com esses aparelhos, os cidadãos remanescentes na área conflituosa se transformaram em sensores de inteligência, auxiliando na localização e repassando ações executadas pelo inimigo. Dessa forma, verifica-se a evolução do que se considera sensor de inteligência, podendo ser, além da tropa em contato, cidadãos comuns na região em conflito.

Em contrapartida, o uso do *smartphone* por parte dos militares tem se mostrado como um grande risco para a tropa. A simples utilização do aparelho já possibilita a interceptação pelo inimigo. Mas o que se tem visto é a postagem de combatentes em mídias sociais, o que aumenta em grande medida as chances de ataques à sua posição por parte da força oponente.

Destarte, pode-se inferir que o uso dos *smartphones* em conflito necessita ser estudado detalhadamente, a fim de empregar tal ferramenta como multiplicador dos sensores de inteligência, sem, contudo, expor os usuários a risco de morte.

Mais um ponto de destaque nesse estudo é a importância da OSINT produzida por *think tank* sobre o conflito no leste europeu. Periodicamente, essas organizações produzem análises detalhadas, baseadas em pesquisas acadêmicas, dados e relatórios de entidades públicas, além de imagens e vídeos de grupos privados, facilitando o entendimento do conflito por parte da sociedade e até de governos, em âmbito global.

Além disso, há que se mencionar os produtos de OSINT confeccionados por grupos privados, como o *Bellingcat* e o *Rybar*. Tais grupos têm divulgado análises consistentes sobre os confrontos na Ucrânia, evidenciando a perda do monopólio do Estado relativa ao emprego da inteligência em combate.

Sob outra perspectiva, apesar de democratizar o acesso à análise de inteligência, esses grupos privados de OSINT podem ter interesses particulares, incluindo o financeiro. Assim, é possível que estes grupos apresentem parcialidade em suas avaliações, auxiliando atores específicos a construir narrativas.

Nesse contexto, observa-se que a guerra de narrativas sobre o conflito na Ucrânia tem sido amplamente utilizada, tornando a crise no leste europeu uma questão geopolítica de grande importância, com implicações significativas para as relações entre o Ocidente e o Oriente.

No âmbito dessa disputa geopolítica, a OSINT tem sido empregada como ferramenta para a produção e a disseminação de narrativas concorrentes. Os principais atores estatais têm usado a inteligência de fontes abertas para moldar a opinião pública, influenciando a percepção global sobre o conflito, de acordo com seus interesses.

Por meio da divulgação seletiva de informações e do emprego da desinformação, esses atores também têm buscado obter apoio de outros países e comunidades, gerando crescente tensão entre os principais atores globais.

Assim, é lícito concluir que os dados (OSD) e as informações (OSI) divulgadas pelos beligerantes e seus apoiadores podem não representar o conflito como um todo, exprimindo apenas uma parcela dos fatos, o que Carr (2023) chamou de “realidade fragmentada”.

Por conseguinte, essa situação de construção de narrativas demanda estudos mais aprofundados, necessitando o acompanhamento de variadas fontes, para aproximar a sociedade da visão do todo, evitando, conseqüentemente, a manipulação da opinião pública.

Nesse sentido, constata-se, ainda, que as análises de OSINT sobre os conflitos ganham maior credibilidade quando realizadas por militares experientes ou por órgãos de inteligência de Estado, os quais têm acesso a dados levantados por HUMINT, para ratificar e/ou complementar suas avaliações.

Outra questão importante é que as considerações trazidas no corpo do trabalho levam a crer que o conflito russo-ucraniano prolongar-se-á. Sendo assim, avalia-se que tal conflito está provocando o recrudescimento da rivalidade EUA-China, a qual tende a se tornar a característica definidora das relações internacionais nas próximas décadas.

Uma das possibilidades decorrentes dessa rivalidade é que, no futuro, o mundo seja dividido em países reunidos em blocos hostis e competitivos e a geopolítica se torne um jogo de soma zero. Nesse contexto, essa crescente tensão entre grandes potências significa constante pressão nos países do sul global por alinhamento estratégico.

Entretanto, até o momento, nota-se a tentativa do sul global em manter sua liberdade de ação em suas relações político-econômicas com o Ocidente e com o Oriente, alinhando-se com as potências concorrentes de acordo com seus interesses.

Não se pode desconsiderar que a atual competição geopolítica pode levar à eclosão de novos conflitos. Assim, é lícito inferir que os produtos de OSINT do conflito na Ucrânia, relacionados ao emprego de produtos de defesa das grandes potências, como os sistemas de defesa aérea dos EUA e os drones de ataque iranianos, estão sendo utilizados para analisar as capacidades e limitações dos rivais geopolíticos, gerando, também, efeito dissuasório.

Ademais, o acompanhamento cerrado do conflito, por meio das fontes abertas, têm demonstrado a evolução tecnológica dos meios militares. Isso tem gerado uma intensa procura por produtos de defesa, o que alguns analistas classificam como uma nova corrida armamentista, no contexto da nova competição geopolítica entre Ocidente e Oriente.

Pode-se concluir, ainda, que a China tem utilizado os dados divulgados sobre o apoio político, militar e financeiro norte-americano à Ucrânia como estratégia para demonstrar a incapacidade dos EUA em dialogar com ambos os contendores e, conseqüentemente, solucionar a crise de efeitos globais. Assim, a China tem

buscado demonstrar maior habilidade em intermediar as questões mundiais, desafiando a hegemonia estadunidense no concerto das nações.

Ao final deste trabalho, pode-se inferir que a realização de estudos visando levantar como se utiliza a OSINT em conflitos modernos é pertinente e necessário para acompanhar a evolução do emprego da inteligência. Ademais, verificou-se que a OSINT também exerce influência relevante no tabuleiro geopolítico da atualidade.

Ressalta-se, ainda, que o presente trabalho não esgota o assunto, pois o conflito na Ucrânia continua em andamento, sem perspectivas de um cessar-fogo, até o momento. Assim, infere-se que o trabalho realizado serve de base para futuros estudos sobre o tema.

Por fim, por conter dados e conceitos sobre o emprego da OSINT em conflito no século XXI, espera-se que o presente estudo contribua para a evolução da doutrina de inteligência de fontes abertas do Exército Brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ALJAZEERA. **Revisão de 2022:** Visualizando como a guerra Rússia-Ucrânia se desenrolou. 28 DEZ 22. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/12/28/2022-review-visualising-how-the-russia-ukraine-war-unfolded>. Acesso em: 28 abr. 23.

ALJAZEERA. **Rússia acusa EUA de travar guerra por procuração na Ucrânia.** 22 DEZ 22a. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/12/22/russia-accuses-us-of-fighting-proxy-war-in-ukraine>. Acesso em: 23 maio 23.

BARATA, Pedro. A UCRÂNIA, A UE E A RÚSSIA: Softpower versus Realpolitik? **JANUS.NET e-journal of International Relations**, vol. 5, n.º 1, pág. 33-50, 2014.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Produção do Conhecimento de Inteligência.** Manual Técnico EB70-MT-10.401. 1. ed. Brasília, DF, 2019.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha EB20-MC-10.207:** Inteligência. 1. ed. Brasília, 2015a.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Manual de Fundamentos EB20-MF-10.107:** Inteligência Militar Terrestre. 2. ed. Brasília, 2015b.

BARINI, Filipe. **Os motivos e os antecedentes da invasão da Ucrânia pela Rússia.** 24 FEV 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/conheca-os-motivos-os-antecedentes-da-invasao-da-ucrania-pela-russia-25408412>. Acesso em: 23 abr. 23.

BUMBIERIS, João Victor Scherrer. **Espírito de Xangai:** Potencialidades e limites do concerto sino-russo na Ásia Central. 2010. 242 p. Dissertação (Mestre em Relações Internacionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

CARIBÉ, André Luiz Gosn. **Estruturas de emprego da Open Source Intelligence (OSINT) na atividade de inteligência.** 1. ed. Brasília, 2017.

CARR, Edward. **Open-Source Intelligence is piercing the fog of war in Ukraine.** The Economist, Chicago, JAN 2023. Disponível em: <https://www.economist.com/interactive/international/2023/01/13/open-source-intelligence-is-piercing-the-fog-of-war-in-ukraine?utm>. Acesso em: 16 mar. 23.

CARR, Edward. **Ukraine has a fighting chance in 2023.** The Economist, Chicago, NOV, 2022. Disponível em: <https://www.economist.com/the-world-ahead/2022/11/18/ukraine-has-a-fighting-chance-in-2023>. Acesso em: 17 mar. 23.

CARVALHO, Guilherme Otávio. A utilização das Fontes abertas nos processos de integração e de produção do conhecimento. **Revista A Lucerna**, vol 2, nº 2, pp 45 – 54, 2012.

CASTRO, Rogerio Alex Aquino de. **O emprego da Guerra Híbrida pela Rússia no conflito da Ucrânia e os desafios do Exército Brasileiro face à essa doutrina.** 2018. 62 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2018.

CEPIK, Marco. **Espionagem e democracia.** Fundação Getúlio Vargas. 1 ed. Rio de Janeiro, 2003.

ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (ESG). **Caderno de Estudos Estratégicos Nr 01/2022**, edição eletrônica, Rio de Janeiro, 2022.

FIA, Business School. **Think tank:** o que é, qual a importância, requisitos e exemplos. 22 SET 21. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/think-tank/>. Acesso em: 25 maio 23.

FRIEDMAN, George. **Como a Guerra da Ucrânia pode mudar o sistema global.** 4 MAR 22. Disponível em: <https://geopoliticalfutures.com/how-the-ukraine-war-might-shift-the-global-system/>. Acesso em 25 MAIO 23.

HENRIQUE, LAYANE. **O que mudou depois de um ano da Guerra na Ucrânia?** 8 MAR 23. Disponível em: <https://www.politize.com.br/guerra-na-ucrania/>. Acesso em 14 abr. 2023.

HOCKADAY James. **Guerra na Ucrânia:** quantas pessoas foram mortas desde a invasão de Putin? 24 FEV 23. Disponível em: <https://uk.news.yahoo.com/ukraine-war-how-many-people-have-been-killed-since-putin-invasion-100628450.html>. Acesso em: 25 abr. 23.

HOFFMAN, Frank G. **Guerra híbrida e desafios.** National Defense University Press. 52 ed. 1º trimestre 2009.

HRIBAR, Gasper; PODBREGAR, Iztok; IVANUSA, Teodora. OSINT: A grey zone? **International Journal of Intelligence and CounterIntelligence**, 3ª ed. v. 27, p. 529-549, Londres, 2014.

INSTITUTE FOR THE STUDY OF WAR. **Interactive time-lapse:** Russia' war in Ukraine. 31 MAR 23. Disponível em: <https://storymaps.arcgis.com/stories/733fe90805894bfc8562d90b106aa895>. Acesso em: 28 abr. 2023.

INSTITUTE FOR THE STUDY OF WAR. **Avaliação da campanha ofensiva russa.** 28 MAIO 23a. Disponível em: <https://www.understandingwar.org/backgrounder/russian-offensive-campaign-assessment-may-28-2023>. Acesso em: 28 maio 2023.

KARAA, Rana. **Uma guerra fria está chegando. Rússia e Ocidente elevam o nível de desafio na Ucrânia.** 06 MAIO 22. Disponível em: <https://www.lebanon24.com/news/world-news/949373/%D8%AD%D8%B1%D8%A8-%D8%A8%D8%A7%D8%B1%D8%AF%D8%A9-%D8%B9%D9%84%D9%89-%D8%A7%D9%84%D8%A3%D8%A8%D9%88%D8%A7%D8%A8%D8%B1%D9%8>

8%D8%B3%D9%8A%D8%A7%D9%88%D8%A7%D9%84%D8%BA%D8%B1%D8%A8-%D9%8A%D8%B1%D9%81%D8%B9%D8%A7%D9%86%D9%85%D8%B3%D8%AA%D9%88%D9%89-%D8%A7%D9%84. Acesso em: 28 maio 23.

KARALIS, Madalena. **Open source intelligence in Ukraine: Asset or liability.** Chathamhouse, Londres, DEZ 2022. Disponível em: <https://www.chathamhouse.org/2022/12/open-source-intelligence-ukraine-asset-or-liability>. Acesso em: 18 mar. 23.

KAUSIKAN, Bilahari. **Navegando na Nova Era da Competição de Grandes Potências.** 11 ABR 23. Disponível em: [https://www.foreignaffairs.com/united-states/china-great-power-competition-russia-guide?utm\\_source=twitter\\_posts&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=tw\\_daily\\_soc](https://www.foreignaffairs.com/united-states/china-great-power-competition-russia-guide?utm_source=twitter_posts&utm_medium=social&utm_campaign=tw_daily_soc). Acesso em: 23 maio 23.

KEMP, Robin. **A influência da OSINT na campanha aérea russa na Ucrânia e as implicações para futuras implantações ocidentais.** 30 ago. 22. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/content-series/airpower-after-ukraine/osints-influence-on-the-russian-air-campaign-in-ukraine-and-the-implications-for-future-western-deployments/>. Acesso em: 19 abr. 23.

LEFKOWITZ, Josh. **The Role of OSINT in Russia's Invasion of Ukraine.** Flashpoint, Washington DC, JAN 2023. Disponível em: <https://flashpoint.io/resources/report/role-of-osint-russia-invasion-of-ukraine/>. Acesso em: 16 mar. 23.

LEFKOWITZ, Josh. **Aproveitando a revolução da OSINT.** Flashpoint, Washington DC, JAN 2023a. Disponível em: <https://flashpoint.io/blog/flashpoint-2023-ceo-josh-lefkowitz/#:~:text=Flashpoint%20in%202023%3A%20A%20Note%20From%20Our%20CEO%20Josh%20Lefkowitz&text=Learn%20more%20about%20Flashpoint's%20products%20and%20services>. Acesso em: 21 maio 23.

MIROVALEV, Mansur. **Revisão de 2022:** Visualizando como a guerra Rússia-Ucrânia se desenrolou. 28 DEZ 22. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/12/28/2022-review-visualising-how-the-russia-ukraine-war-unfolded>. Acesso em 25 abr. 23.

MONTEIRO, LUIZA. **Guerra na Ucrânia:** como o conflito reconfigura a geopolítica mundial. 7 ABR 22. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2022/04/guerra-na-ucrania-como-o-conflito-reconfigura-geopolitica-mundial.html>. Acesso em: 25 abr. 23.

NEVES, Eduardo Borba; DOMINGUES, Clayton Amaral. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica.** Centro de Estudos de Pessoal. Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais: Rio de Janeiro: 2007.

NATO Defence College (NDC). **War changes everything: Russia after Ukraine.** NDC Research Paper, Nr 28, Rome, FEV 23.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION (NATO). **Open Source Handbook,** vol. 1, 2001. Disponível em:

<https://archive.org/details/NATOOSINTHandbookV1.2/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 19 abr. 23.

O'BRIEN, Alexa. **Inteligência de código aberto pode estar mudando a guerra da velha guarda**. 24 MAI 22. Disponível em: <https://www.wired.co.uk/article/open-source-intelligence-war-russia-ukraine>. Acesso em: 22 abr. 23.

PADULA, Raphael. **A disputa de poder global e a ordem liberal no século XXI**. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, Abril de 2021.

PASSOS, Danielle Sandler. Big Data, Data Science e seus contributos para o avanço no uso da Open Source Intelligence. **Revista Eletrônica Sistemas & Gestão**, volume 11, nº 4, pp. 392-396, 2016.

PEREIRA, Ricardo de Amorim Araújo. **O tabuleiro geopolítico pós conflito da Criméia de 2014**. 2017. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado Maior, Rio de Janeiro, 2017.

REILNBOLD, Gustavo Barboza; CARDOSO, Anderson Cavalcante. **A capacitação em OSINT necessária à formação do analista de inteligência de agências de inteligência classe “A” e “B”**. 1. ed. Brasília, 2021.

RELATÓRIO DA CONFERÊNCIA DE SEGURANÇA DE MUNIQUE. **Collapsing Order, Reluctant Guardians?** 2015. Disponível em: [https://securityconference.org/assets/02\\_Dokumente/01\\_Publikationen/MunichSecurityReport\\_2015.pdf](https://securityconference.org/assets/02_Dokumente/01_Publikationen/MunichSecurityReport_2015.pdf). Acesso em: 28 abr. 23.

SAULL, Peter. **Ucrânia: Rússia planeja maior guerra na Europa desde 1945 - Boris Johnson**. 20 FEV 22. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-politics-60448162>. Acesso em: 28 abr. 23.

SILVA, André Luiz Santos da; CRUZ, Fúlvio Pérciles de Andrade Santos; MACARIO, Pablo Roberto; PEREIRA, Ewerton Santana et al. Comparação do conflito da Ucrânia com o conflito da Síria, segundo, o enfoque geopolítico e geoestratégico, observando como tem sido utilizado o poder. **XV Ciclo de Estudos Estratégicos da ECEME**, PADECEME, n 02, 2016, pág 45-59.

TIDY, Joe. **Ucrânia diz que está travando sua primeira “guerra híbrida”**. 4 MAR 22. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/technology-60622977>. Acesso em: 28 abr. 23.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (UNHCR). **Situação da Ucrânia Flash Update #45**, 20 ABR 23. Disponível em: <https://data.unhcr.org/en/documents/details/100224>. Acesso em: 25 abr. 23.

UNITED STATES OF AMERICA, Department of the Army. **ATP2-22.9 - Open-Source Intelligence**. Washington DC, 2017.

UNITED STATES SPECIAL OPERATIONS COMMAND (USSOCOM). **The Gray Zone.** White Paper. 9 SET 15. Disponível em: <https://info.publicintelligence.net/USSOCOM-GrayZones.pdf>. Acesso em: 28 abr. 23.

WALKER, Nigel. **Conflict in Ukraine: A timeline (2014 - present).** House of commons Library, 24 FEV 23. Disponível em: <https://researchbriefings.files.parliament.uk/documents/CBP-9476/CBP-9476.pdf>. Acesso em: 25 abr. 23.